

# Rodopiando na Central: um olhar na leitura fílmica

"O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta."  
Foucault

Por Nádea Regina Gaspar\*

## 1 - Embarcando na nau de Foucault... A escolha temática...

O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre como vem sendo representada e materializada, na atualidade, a história dos desconhecidos, do homem simples do povo, daqueles que não dominam a técnica da escrita e tampouco a tecnologia. Como o objetivo do presente estudo não é o de delinear a história dos conceitos de *representação* e de *materialidade*, por meio de um recorte, optou-se por tomá-los a partir da perspectiva da análise do discurso proposto por Michel Foucault. Foram utilizados os seguintes textos deste autor: *Arqueologia do saber* (1997), *As palavras e as coisas* (1999 a.) e *A ordem do discurso* (1999 b.).

Obviamente, seria impossível trabalhar com toda a produção da representação dos homens que não dominam a técnica da escrita e a tecnologia, pois, além da *materialização discursiva* poder ser representada em inúmeros suportes - livros, quadros, objetos de uma forma geral, filmes - ela é, ainda, determinada pelo *lugar* e pela *época* em que é produzida. Operamos, por isso, um segundo recorte e optamos por fazer uma análise prática de aplicação desses conceitos, recorrendo a algumas cenas do filme *Central do Brasil*, de Walter Salles.

## 2 - Navegando na formação dos conceitos...

Representar é parte intrínseca do mundo do homem. Todos nós representamos, quando contamos, por exemplo, algo a alguém (oralidade), ou escrevemos sobre um determinado assunto (escrita), ou pintamos, desenhamos, fotografamos, filmamos, tecemos, ou cantamos. Esses são alguns exemplos de representações, dentre outros tantos, como os gestos ou o silêncio.

Porém, nunca conseguimos representar tudo o que vemos, nem exatamente como vemos, pois as coisas que se encontram fora de nós existem *em si* - certamente já representadas por alguém - e nós, quando as representamos novamente, nunca conseguimos fazê-las surgirem exatamente tais como são, pois as representamos *para si*, ou seja, primeiramente para nós mesmos, tais quais as apreendemos.

No entanto, depois de representado, "*o texto primeiro se apaga e, com ele, todo o fundo inesgotável de palavras cujo ser mudo estava inscrito nas coisas; só permanece a representação, desenrolando-se nos signos verbais que a manifestam e tornando-se assim discurso.*" (Foucault, 1999a: 109)

Nesse sentido, Foucault expõe que o que é representado pelos homens não está nas coisas em si; nem nas palavras (linguagem expressando forma e conteúdo) do sujeito que representa; contudo, a representação estaria manifestada em *formações discursivas*.

Essas formações discursivas iniciam numa *prática institucionalizada* e podem dar a ilusão, *na representação enunciada*, de pertencerem a um único e homogêneo agrupamento de discurso. Por exemplo, o discurso da medicina pode aparecer em determinados momentos históricos, como específicos somente da prática médica. No entanto, elas podem existir e se *relacionar*, - o que é mais provável para Foucault!-, com outras formações discursivas, derivadas de *práticas correlatas*, mas materializadas em formações discursivas totalmente diferentes. O discurso médico, por exemplo, relacionou-se, em determinadas épocas, com o discurso jurídico, com o discurso político, com o discurso familiar. Nesse sentido, as formações discursivas não se apresentam como sendo únicas e homogêneas, mas como *heterogêneas, como sistemas de dispersão*.

Para Foucault, o que daria "*unidade a essas formações discursivas*" seriam os *enunciados* comuns a elas, analisados através de *regras de formações*, denominadas por ele como as *regularidades discursivas* (1997: cap.II).

Essas regras de constituição das formações discursivas, ou seja - *objetos, modalidades de enunciação, conceitos, escolhas temáticas* - estariam relacionadas na própria representação materializada *do(s) enunciado(s)*. Ele propõe (1997: 43):

*No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (...) diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.*

3 - Remando nas margens dos enunciados...

Conscientes da complexidade da proposta de Foucault, ou seja, *descrever um certo número de enunciados, e definir uma regularidade para se obter uma formação discursiva*, limitamo-nos, aqui, a expor três conceitos relacionados à função enunciativa, que posteriormente serão necessários na análise prática. São eles: a. *o enunciado e a enunciação*, b. *a materialidade do enunciado*, c. *o sujeito do enunciado*.

Embora *o enunciado e a enunciação* possam ter relações entre si, (dependendo, para isso, de uma regularidade da materialidade enunciativa), Foucault (1997: 99) define-os de maneira bastante distinta:

*O enunciado não é, pois, uma estrutura(...); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).*

Propondo o enunciado no plano do *funcionamento enunciativo*, e não no nível das proposições, das frases ou dos atos de fala (*speech act*) - embora não desconsidere esses níveis -, Foucault expõe (1997: 112): "(...), para que se trate de um enunciado: é preciso relacioná-lo com todo um campo adjacente." E acrescenta (1997: p.114): "*Não há enunciado que não suponha outros; não há*



Reprodução

*nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistência, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis."*

Nesse sentido, ele diferencia o enunciado da enunciação. Para ele (1997 :116): "A enunciação é um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir." E completa (1997:121):

*Enquanto uma enunciação pode ser recomeçada ou reevocada, enquanto uma forma (lingüística ou lógica) pode ser reatualizada, o enunciado tem a particularidade de poder ser repetido: mas sempre em condições estritas.*

Essa materialidade repetível que caracteriza o enunciado é observada, neste autor (1997:116), sob o ponto de vista da *materialidade enunciativa*:

*(...) a materialidade desempenha, no enunciado, um papel muito mais importante: não é simplesmente princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou determinação de subconjuntos lingüísticos. Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade.*

Foucault salienta que um enunciado muda conforme a materialidade. Assim, uma mesma frase - enunciada oralmente, ou num texto escrito, ou num quadro, ou num filme - não constitui o mesmo enunciado, pois mudou a materialidade: o suporte, a data, o local do pronunciamento, e mesmo o sujeito que a enuncia. Dessa forma, apesar de se repetir a frase, não se tem o mesmo enunciado e nem a mesma enunciação.

O terceiro ponto a ser destacado em relação aos enunciados, para a análise deste trabalho, refere-se ao *sujeito do enunciado*.

Para Foucault, o sujeito do enunciado não é idêntico ao autor. O autor (1999 b.: 26) seria o "*princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, foco de sua coerência.*" Já o sujeito do enunciado é concebido por ele (1999 : 109) como:

*(...) um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes" (...)*  
*"Se uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerados "enunciados", não é porque houve, um dia, alguém para proferi-los ou para depositar, em algum lugar, seu traço provisório; mas sim na medida em que pode ser assinalada a posição do sujeito. Descrever uma formulação enquanto enunciado(...) consiste(...) em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito.*

Podemos perceber que o sujeito enunciativo destaca-se por uma regularidade situada no *lugar* e na *posição* que ocupa no funcionamento discursivo. Um *lugar*, pois seu pronunciamento advém de diversas práticas estabelecidas institucionalmente. Uma *posição*, pois seu saber provém de um domínio próprio do sujeito que enuncia. O enunciado do médico, por exemplo, pode ser completamente diferente do enunciado do marceneiro, pois, no funcionamento discursivo, ocupam lugares e posições diferenciadas. Contudo, nada impede o marceneiro de "receitar" uma aspirina a alguém, ou do médico "fabricar" uma estante de madeira em sua residência. Posições diferentes, ocupadas em lugares diferentes, com enunciativas diferentes, em formações discursivas dispersas, mas com regularidades enunciativas.

O autor seria aquele que poderia agrupar esses discursos numa mesma materialidade discursiva. Procuraremos exemplificar, também, esses conceitos, na análise prática.

4 - O pião ... entrou...na nau...ô!!! peão!!!....

Dentre as inúmeras *análises temáticas* que o filme *Central do Brasil*, de Walter Salles, possibilita, destacaremos como foi representada e materializada uma determinada *formação discursiva*: o discurso familiar.

Essa formação permite entrever, através de *enunciados discursivos dispersos* na narrativa fílmica, que a história dos homens simples do povo, daqueles que não dominam a técnica da escrita, e tampouco a tecnologia, também vem sendo *representada* por esses *sujeitos enunciativos*.

Interessante observar, nesse filme, esse discurso familiar relacionado a um dos seus aspectos: o das profissões brasileiras - no caso, o *marceneiro*. Duas cenas indicam essa

formação.

Uma delas é quando a personagem Ana solicita a escrevente, Dora, para escrever uma carta a Jesus, (que possivelmente estaria residindo em Bom Jesus do Norte- PE). Josué (filho de Ana e Jesus), traz um *pião* nas mãos e fica durante todo o tempo da escrita batendo com o brinquedo na escrivadinha da escrevente.

Aparentemente, uma cena comum ou, se considerarmos o pião em si, um signo isolado no contexto narrativo, ou uma linguagem (gestual), típica do universo infantil.

O que faz, então, esta cena ser inserida como a possibilidade de um enunciado e fazer parte de uma formação discursiva?

Um olhar mais atento indica que o pião torna-se um *enunciado discursivo*, pois, dentre outras aplicações conceituais, esta cena se insere em uma *série na unidade discursiva filmica*, e isso será visto adiante.

Pode-se perceber também que, de fato, a representação aparece (como indica Foucault) numa *prática institucionalizada*, nesse caso, a prática de uma escrevente (*a substância material do enunciado no suporte cartas*) que trabalha numa instituição de transportes de trens (*prática institucionalizada*), na cidade do Rio de Janeiro, (*lugar da materialidade*), em 1998, (*data da veiculação do filme*).



Figurantes do filme "Central do Brasil", de Walter Salles

Um outro conceito de Foucault, que assegura a resposta à questão levantada acima, refere-se aos *enunciados*, pronunciados por sujeitos que se desconheciam anteriormente, mas que se relacionavam via discurso através de *práticas correlatas*. Nesse sentido, os gestos de Josué de bater o pião na escrivadinha, indicam mais do que uma atitude do universo infantil. Por que o pião, e não outro brinquedo? O que indica o pião enquanto marca enunciativa?

Relembremos Foucault (1997: p.114): "*Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistência, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis.*"

Há sete cenas no filme em que o pião é destacado enunciativamente. Elegemos somente duas delas, aqui, para demonstrar que constituem uma *série enunciativa*.

Na primeira e na segunda cena, o pião aparece na mão do menino Josué, quando este está com a mãe frente à escrevente. Numa terceira cena, é justamente o pião que cai de sua mão, numa rua movimentada do Rio de Janeiro

...ele volta para buscá-lo... a mãe fica parada no meio da rua...o ônibus a atropela...e ela morre. Na quarta cena, o personagem Pedrão (tipo de "policia da Central") pega o pião da mão de Josué, para tentar conversar com ele. Na quinta cena, em um jantar na casa de Dora, juntamente com sua amiga Irene, ele enuncia oralmente o trabalho do pai: - "*Ele trabalha demais... - Ele é carpinteiro. - Sabe fazer mesa, cadeira, pião, casa.*". Na sexta cena, o pião não aparece mais (nem a imagem signica, nem a palavra), mas Josué, já em Pernambuco com Dora, diz a ela numa das inúmeras vezes em que discutem sobre o pai, apoiando-o: - "*Você não conhece ele... - Ele fez nossa casa sozinho... - Ele sabe fazê tudo de madeira.*".

A sétima cena em que o pião aparece é a que também se destacará na análise, relacionando-a à primeira analisada anteriormente, ou seja, àquela quando Josué fura a escrivadinha com o pião. O que se observa nesta cena de reiteração da imagem do pião, é quando Dora e Josué conhecem Isaiás e Moisés (irmãos de Josué), e estes levam-nos para conhecer a marcenaria. Moisés pronuncia oralmente: - "*Isaiás rala o dia inteiro aqui... - Ele faz mesa... ...ele faz cadeira...faz de tudo.*" e, então, Moisés e Isaiás *ensinam* (praticamente) para Josué como se faz um pião, no torno.

Interessante observar que há uma *heterogeneidade* e uma *dispersão discursiva* muito

grande entre as duas cenas. Enquanto a figura do pão na mão de Josué, na primeira cena, dá-se na Central do Brasil, na segunda, o pão (*substância*) acontece numa marcenaria (*prática institucional*), em Pernambuco (*local*), alguns dias depois (*data*). Outra *substância*, *outra prática institucional*, *outro local e data*, diferentes, portanto, da primeira cena. Também não é o mesmo *sujeito do enunciado*. Na primeira cena era Josué; agora, é Moisés e Isaías.

Interessante observar que os irmãos não se conheciam. Cresceram em cidades diferentes, descendem de mães diferentes, têm em comum o pai Jesus - mas Josué nunca o conheceu. Então, o que une esses sujeitos para representar, via enunciados, uma mesma materialidade discursiva, no caso, representada pelo pão? Por que Isaías ensina Josué a fazer justamente o pão logo no primeiro encontro?

5 - .Telhados à vista!!!

Pode-se perceber, nesses enunciados verbais, que há um *discurso* que os une. Esse discurso gira em torno de uma família, que tem em comum a figura de um pai marceneiro, que não aparece no filme, mas passa a ser, via discurso, uma personagem central.

Ana, mãe de Josué, consegue "unir" essa imagem do homem trabalhador que é Jesus, e transmite isso para Josué. Pode-se observar isso, por exemplo, quando Dora insiste várias vezes durante o filme que o pai de Josué é um bêbado, e o menino não aceita esse argumento, pois reconhece no pai, que não conhece, a figura de um carpinteiro.

Por outro lado, Jesus ensina, de fato, sua profissão para os dois filhos que conviveram com ele em Pernambuco. Percebe-se isso na cena em que Moisés está fazendo um telhado em uma casa, e na própria marcenaria onde o pão é fabricado por Isaías.

Apesar dos dois irmãos não se conhecerem, existem *práticas correlatas* que unem as personagens. Essas práticas revelam-se via enunciado pão -, apresentado, representado, materializado no suporte do filme durante sete vezes e, devido a isso mesmo, pode ser considerado como *repetível*, dando origem a *enunciações* que, de fato, não são as mesmas. A repetição e o sentido novo compõem uma formação discursiva de caráter familiar, que ressalta a profissão do marceneiro.

Essa formação permite entrever também, através *desses enunciados discursivos dispersos* na narrativa filmica, que a história do homem simples do povo, daqueles que não dominam a técnica da escrita, e tampouco a tecnologia, do peão mesmo - no sentido pejorativo do trabalhador brasileiro - vem sendo construída principalmente por eles mesmos. Ou seja, por esses *sujeitos enunciadore*s que utilizam outros objetos de representação discursiva, diferentes da caneta, do papel ou do computador, mas que, no cotidiano, deixam suas marcas na construção da História do Brasil.

É nesse sentido que o autor (Walter Salles), como *princípio de agrupamento dos discursos*, conseguiu também, por intermédio da representação do filme, eleger e unir esses *enunciados*



Reprodução

*dispersos* em torno da materialidade representativa do pai peão que fabricava, dentre outras coisas, piões.

A princípio, tudo parecia disperso. O que se comprova nessa dispersão é que:

*“o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorrer ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém. (Foucault 1999b. : p 7)*

#### Referências Bibliográficas

- FOUCAULT, Michel *A arqueologia do saber*. 5.ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. 5.ed. S. Paulo, Ed. Loyola, 1999b.
- \_\_\_\_\_. - *As palavras e as coisas*. 8.ed. S. Paulo, Martins Fontes, 1999a.
- SALLES, Walter- *Central do Brasil* [Filme]. São Paulo, Europa Filmes, 1998.

---

\*Nádea Regina Gaspar é professora do Depto. de Ciência da Informação- UFScar. Doutoranda do curso de Lingüística da UNESP- Araraquara. Membro do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara, coordenado pela Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Maria do Rosario Valencise Gregolin.